

TERAPÊUTICA DOS ÍNDIOS BRASILEIROS

Dr. RUBENS BELFORT MATTOS (*) — São Paulo

A terapêutica de nossos índios é pouco evoluída e está na fase de medicina mágico-religiosa. As doenças são tratadas por invocações de espíritos, por emprêgo de elementos de nossa fauna e flora e por práticas mágicas, das quais as mais usadas são: a sucção, a fumigação, o jejum ou abstinência, a pintura, o sôpro e as incisões.

Os princípios ativos da terapêutica indígena, no que diz respeito à oftalmologia, ainda não foram estudados e até o momento só foi realizada uma identificação, no mais das vêzes pelo nome indígena, das plantas medicinais.

No seu artigo sôbre «Terapêutica e conhecimentos medicinais dos tupí-guaraní», **Estevão Pinto** (7) cita André Thevet, que, em 1878 descreve os meios usados pelos Tupinambá na cura das oftalmias, com o uso do suco de uma planta de **Hoehne** (4) identifica como o Piná-piná ou Cansação (*Jatropha urens* L.). Comenta **Estevão Pinto**: «O cansação-de-leite ou urtiga de mamão (*Jatropha aurens* Muell) é realmente usado pelos indígenas, no tratamento da catarata». **A. Métraux** (**), sôbre a terapêutica usada pelos chiriguanos, uma tribo tupí-guaraní, escreve o seguinte: «... oftalmias, conjuntivites: gôtas extraídas da casca de alborobillo, fôlhas de yandi-wope; ... catarata: cozimento de fôlhas de kuruwa».

Martius (6), na pág. 160 de seu livro, refere o tratamento de ligeiras oftalmias com banhos oculares de suco fresco extraído dos brotos foliáceos de imbaúba (*Cecropia*). **Arruda** (1), estu-

* Assistente da Clínica de Olhos da Escola Paulista de Medicina — Serviço do Prof. Moacyr E. Álvaro — e do Centro de Estudos de Oftalmologia.

** Citado por Pinto E. (7).

dando os Fulniô, descreve o uso de infusão de casca de aroreira para tratamento de conjuntivites. **Campos** (2), referindo-se aos índios Paresí, informa-nos que êstes tratam suas conjuntivites — nonzocêcauê — pelos seguintes meios: “1) pó feito de raiz de «cohedacê» soprado diretamente sôbre as conjuntivas inflamadas; 2) instilação de uma gôta de latex de «comozarê» (uma euphorbiácea) em cada ôlho; 3) instilação de uma gôta de suco obtido das fôlhas de «catocairo» (variedade de salsaparrilha) em cada ôlho; contra mancha da córnea, lavagem com infusão das fôlhas de «otezarê» (barbatimão)». No capítulo referente aos Bororô, relata que êstes, para tratarem de suas conjuntivites «iococori» usam: 1) lavar os olhos com infuso das fôlhas de «djouruboiôcopengepa» (fruta d’óleo); 2) aplicar sôbre as pálpebras, à noite, as fôlhas prèviamente aquecidas de «aigedjouruboboécuépa» e de «maia». **Colbacchini** e **Albisetti** (3), na pág. 105 de seu livro, descrevem os remédios usados pelos Bororô Orientais: 1) “Parigogo jorubo» — esfregam os olhos com as fôlhas — carbonizada a casca e adicionada ao «kidoguru» é a mistura aplicada sôbre os olhos inflamados; 2) «Boet’o rarureu» — as raízes carbonizadas são usadas para doenças dos olhos; 3) «jorubo bo ecu pega» — aplicam as fôlhas aquecidas sobre os olhos com inflamações; 4) «Bocet’o reu» — as raízes aquecidas são aplicadas sôbre as pálpebras inflamadas; 5) «Bo’ecu pega epa» — as fôlhas são aquecidas e aplicadas sôbre os olhos doentes.

Roth (*) refere o uso como medicamento para doenças oculares, do suco de pimenta vermelha, de «mokumoku» (*Caladium arborescens*), decocção de raízes de «Wausimai» e o suco vermelho purpurino de “kuruwatii» (*Renalmia exaltata*).

Em nossas viagens, fizemos indagações constantes sôbre a terapêutica de nossos índios nos processos patológicos oculares e, com exceção de duas vêzes, não obtivemos nenhuma informação. Somos de parecer que é necessário um longo convívio para se grangear a confiança dos nossos indígenas e se obter dados úteis, fato êsse já afirmado pelo padre João Daniel (**).

(*) Citado por Lévi-Strauss (5).

(**) Citado por Rezende, C. (8).

A primeira referência sôbre o uso de um colírio foi-nos feita por Uarijá, cacique Karajá, que acumula a função de pagé, da Aldeia Fontoura, à margem direita do braço maior do rio Araguaia, na ilha do Bananal. Descreveu a preparação e o uso do medicamento, sem contudo, fornecer amostras das plantas medicinais. Esse índio, dos mais compreensivos e compenetrados de seu papel em relação à sua coletividade, relatou que, para inflamações nos olhos com purgação, os Karajá usam casca de uma árvore que chamam «Raradó» (árvore grande com fôlhas amarelas — Canjizama branca?) e a raiz de «Brequé» (raiz muito doce); raspam a raiz, adicionam a casca da árvore, batem a mistura e colocam-na ao sol, durante certo tempo, após o qual usam em instilação de uma gôta, cinco vêzes ao dia, durante cinco dias.

Outra referência a um tratamento foi-nos feita por **Orlando Villas-Boas**, no Pôsto Indígena Capitão Vasconcelos, no Alto Xingú. Os índios Kamayurá instilam, nas inflamações oculares e «para ver melhor», o sumo da raiz de uma trepadeira de nome «Cyranô». Não conseguimos obter, até o momento, essa planta, para competente classificação botânica e posterior estudo de suas propriedades terapêuticas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 -- ARRUDA, A. — Relatório sôbre um estudo dos índios Fulniô ao Ministério da Saúde, Inédito, 1954.
- 2 -- CAMPOS, M. — Interior do Brasil. Rio de Janeiro, Borsai, 1936.
- 3 -- COLBACCHINI, A. e ALBISETTI, C. — Os Bororôs orientais Orari-modogne do Planalto Oriental de Mato Grosso. Brasiliana, série 5, vol. 4, S. Paulo, Ed. Nacional, 1942.
- 4 -- HOEHNE, F. C. — Botânica e Agricultura no Brasil do século XVI. Brasiliana, série 5, vol. 71, S. Paulo. Ed. Nacional, 1937.
- 5 -- LÉVI-STRAUSS, C. — Handbook of South Americans Indians, vol. VI, Washington, Government Printing Office, 1950.
- 6 -- MARTIUS, K. F. P. — Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844). Trad. Pirajá da Silva. Brasiliana, vol. 154, série 5.^a, S. Paulo, Ed. Nacional, 1939.
- 7 -- PINTO, E. — Terapêutica e conhecimentos medicinais dos Tupí-Guaranis. Actas Ciba, 11:44-50, Mar.-Abr., 1944.
- 8 -- REZENDE, C. — História da Ophthalmologia no Brasil. Primeiro Congresso Brasileiro de Ophthalmologia, 1.^o vol., 291-303, 1936.